

MEIA-NOITE NA BIBLIOTECA

ALONSO ALVAREZ

Meia-noite na biblioteca

TEMPORADA 2



Copyright © Alonso Alvarez

Projeto gráfico Alonso Alvarez

Capa Rafa Antón

Revisão Ana Maria Barbosa

Agradecimentos à Bel Santos Mayer

Projeto realizado com o apoio do Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Proac Lab 2020.

As situações e os personagens desta obra são ficcionais.

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Alonso

Meia-noite na biblioteca : temporada 2 / Alonso Alvarez. -- 1. ed. --
São Paulo : Ficções Editora, 2021.

ISBN 978-65-87622-11-8

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

21-89879

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

2021

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

Sumário

Episódios

1, 11

2, 12

3, 15

4, 16

5, 17

6, 18

7, 19

8, 22

9, 24

10, 27

11, 29

12, 31

13, 35

14, 36

15, 38

16, 38

17, 40

18, 43

19, 44

20, 45

21, 46

22, 47

23, 48

24, 50

25, 52

26, 53

27, 54

28, 56

29, 57

30, 58

31, 59

32, 61

Notas, 65

A Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, 67

O autor, 69

Obras do autor, 71



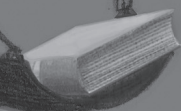
Na *Temporada 1, de Meia-noite na biblioteca*, quatro amigos inseparáveis, que adoram ler livros e estudam na mesma sala do 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública, descobrem uma biblioteca nova nos fundos do cemitério do bairro, ocupando a casa do ex-coveiro.

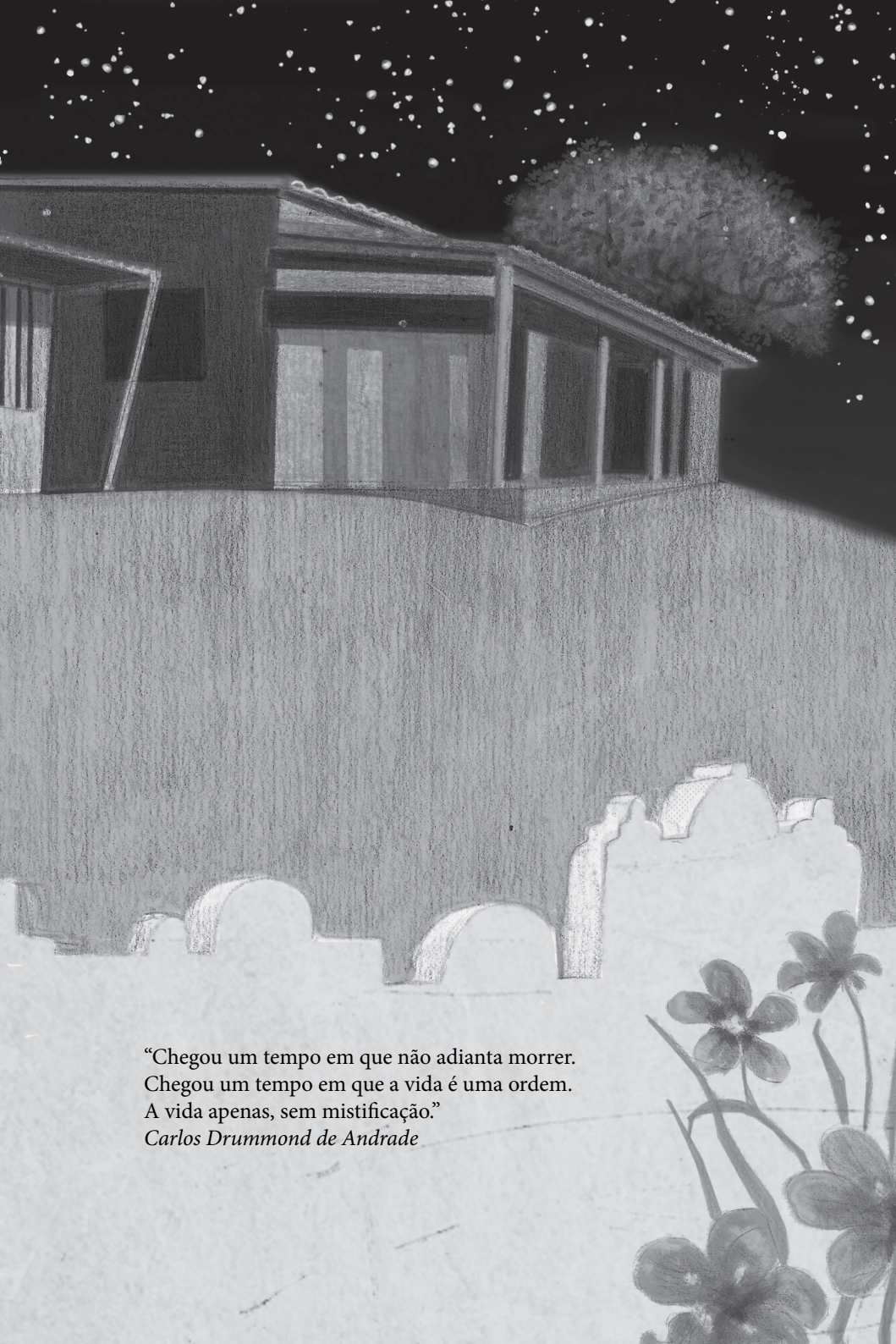
Luís, Mário, Osmar e Paulo resolvem visitá-la e lá encontram Aline, a jovem e encantadora bibliotecária. Então, além de conhecerem as novas histórias nos livros que emprestam da biblioteca, começam a também entrar em contato com as histórias dos mortos enterrados no cemitério e de seus parentes, que sofrem com as perdas.

A primeira temporada acontece entre outubro de 2019 e março de 2020, quando então a pandemia da Covid surpreendeu o mundo e a biblioteca precisou fechar suas portas pela primeira vez.

Esta segunda temporada ocorre durante a pandemia, com a biblioteca fechada e o cemitério proibido para visitantes e até mesmo para velórios, com os personagens confinados em suas casas.

Como na *Temporada 1*, o leitor vai descobrir o que se pode inventar e fazer com os livros e como eles podem transformar rotinas, proporcionar descobertas, inspirar sonhos e aproximar pessoas, mesmo quando os encontros não podem ser presenciais.





“Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.”

Carlos Drummond de Andrade



1

16 de março de 2020

O carro passou anunciando nos alto-falantes que a quarentena estava decretada pelo governo, que todos deveriam ficar trancados em suas casas, confinados, não sair para nada, apenas para necessidades estritamente essenciais e inadiáveis, as quais precisavam ser justificadas com documentos.

Seu João, sentado à mesa em frente à sorveteria, observava o movimento frenético das pessoas. Muitas carregavam sacolas cheias de compras do supermercado, temendo desabastecimento. Outras conversavam ainda em rodas, preocupadas e assustadas, sobre o único assunto que não saía da cabeça das pessoas: a pandemia do coronavírus.

O vento, naquela manhã de segunda, estava perdido. Não sabia para onde ir. Entrava na igreja, mas logo saía depois de apagar algumas velas. Agitava a relva na praça e logo trepava nas árvores para espalhar folhas pelas ruas. Passou pelo seu João e brincou com as abelhas que sobrevoavam os vidros coloridos com os cremes de sorvete.

O seu João riu de ver o vento deixar as abelhas tontas no ar. Ligou a máquina e começou a fazer sorvetes, que ia dando para as pessoas que passavam. Sorria ao pensar que não fazia mal algum adoçar um pouco aquela manhã inusitada e perplexa.

Quando os vidros se esvaziaram, seu João juntou os restos de vários sabores numa casquinha para ele. Sentou-se na cadeira da mesa e, espantando as abelhas com carinho, disse-lhes:

— Meninas, vou sentir saudades de vocês.

2

27 de abril de 2020

— As flores estão mais bonitas. Elas estão tão alegres! — comentou dona Bintu, debruçada na janela do quarto, como fazia boa parte do dia, cotidianamente, naquele início de quarentena.

— Vívidas! — disse Aline, enquanto dobrava as roupas da avó, que pegara no varal. E sorriu ao pensar que a biblioteca no cemitério também era vívida. Soltoou o vestido florido da avó na cama e ficou olhando-a debruçada na janela.

— Vívidas... — suspirou dona Bintu, saboreando a palavra, o olhar encantado com as flores na praça.

— Cheias de ardor, entusiasmo, intensas... — completou Aline.

— Algumas semanas sem poluição nas avenidas, nas ruas, e olhe como as árvores, as plantas, as flores, estão

mais bonitas! Elas sorriem! Devem estar com saudades de mim...

Aline teve que se conter para não abraçar e beijar a avó. Dona Bintu viu o olhar carinhoso da neta acima da máscara. Resmungou:

— Não posso visitar as minhas flores, as minhas árvores. Não posso abraçar e beijar a minha neta. Que tempos! — E fez o sinal da cruz.

Misturado suspirou, deitado na entrada do quarto, enquanto coçava uma pulga. Sabia que não podia entrar no quarto da dona Bintu. Nem sair para passear na rua. Botar as patas para fora da casa só para fazer algo estritamente essencial. Cachorro não tinha nada de essencial para fazer na rua, os humanos achavam, mas ele sabia que tinha, como cheirar calçadas e postes. Porém se conformou e logo se habituou com os espaços da casa, com jardim e quintal.

Aline terminou de dobrar as roupas e foi ajeitá-las no guarda-roupa.

— Vó, você já sabe, não reclama. Quando eu preciso sair, só eu, é porque é essencial... Nem o Misturado vai comigo.

Misturado suspirou, lamentando. Mas abanou o rabo.

— Só para o “essencial”! — dona Bintu resmungou.

— Isso! Essencial, que não dá pra fazer por telefone ou aplicativo. E quando volto da rua, deixo os sapatos lá fora, higienizo as mãos, tomo banho, mudo de roupa, e sempre uso máscara quando você está por perto.

— Você é pior que a filha da Augusta, que me conta, toda vez que conversamos por telefone, que lá na casa dela a filha não dá mole pra esse vírus.

— Pior, não, vó! Melhor! Eu sou melhor nos protocolos sanitários. — E riu, divertindo-se com o que acabara de dizer.

— Eu sei, eu sei, eu sei... — dona Bintu concordou, sorrindo ao avistar as margaridas cheias de sol na praça. — Até o ladrãozinho de girassóis não apareceu mais...

A avó, ainda debruçada na janela, mandava beijos para as flores, plantas e árvores. Aline se lembrou de Armando, abraçou um agasalho que tinha dobrado e olhou, lá dentro de si, em suas memórias, o rostinho do menino quando lhe contou a triste história de sua mãe e os girassóis.

Depois de guardar as roupas, Aline pegou o cesto vazio e desceu para a lavanderia.

No quintal, puxou a mangueira, subiu na escada de madeira que estava escorada no muro, abriu a água e começou a regar as plantas e as árvores da praça. O jato de água era forte e chegava em todas elas. Alguns gatos saltaram de galhos e outros saíram correndo de debaixo das plantas.

— Quando? — perguntou dona Bintu.

Todas as manhãs Aline esperava a pergunta recorrente:

— Não sabemos, vó. Mas as plantas e árvores estão bem, e nós também. Vamos continuar assim, nos protegendo desse vírus invisível, sorrateiro e letal.

Aline olhou para o céu azul de outono. Fechou a mangueira e os olhos. Queria escutar os sons ao redor. Sim, sorriu ao abrir novamente o jato de água. As ruas continuavam desertas, sem carros, ônibus, caminhões. Respirou fundo. E viu as gotículas da água esguichada flutuarem sobre as flores.

Voltou a pensar sobre a palavra “vívida”, ali, espalhada pela praça toda florida, vazia de seres humanos, que estavam confinados em suas casas.

Olhou para avó, que ainda sorria junto à janela, feliz com a felicidade das plantas e árvores que se banhavam com a água que saía do esguicho naquela manhã de quarta.

Depois de regar, Aline largou a mangueira no quintal e, ainda na escada, pegou o celular, fotografou as flores felizes e postou na rede social, com a legenda “vívidas”.

Na hora, pensou em Osmar, que certamente iria guardar aquela palavra nova no seu caderninho.

3

Osmar abriu o caderno e anotou a palavra que acabara de ver na postagem de Aline. Reforçou o acento agudo na primeira sílaba, senão ficaria “vivida”. Pensou sobre como um acentinho de nada dava outro sentido à palavra. Ví-vi-da! Saboreou cada sílaba.

De todas as palavras novas que conhecera desde o começo da pandemia, do isolamento, do confinamento, essa foi a primeira a destoar naqueles tempos tristes e cruéis. Voltou uma página e viu algumas palavras que escrevera no último mês:

Óbito
Meus sentimentos
Lockdown
Quarentena